



**ENTRE O CINEMA ERÓTICO E A PORNOGRAFIA:
CINEMA EXPLÍCITO – REPRESENTAÇÕES
CINEMATOGRAFICAS DO SEXO POR RODRIGO
GERACE**

**BETWEEN IN THE EROTIC CINEMA AND A
PORNOGRAPHY: EXPLICIT CINEMA –
CINEMATOGRAPHIC REPRESENTATIONS OF SEX BY
RODRIGO GERACE**

Grace Campos Costa*

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

gracecamposcosta@gmail.com

Lays da Cruz Capelozi**

Universidade Federal de Uberlândia

syalcc@gmail.com

Existe uma característica que separa o cinema pornográfico do cinema erótico? Todo sexo é explícito? Como ocorre essa representação cinematográfica? Existe algum conteúdo político na obscenidade?

Essas são algumas questões que permeiam a obra **Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo**, escrito pelo sociólogo Rodrigo Gerace.¹ O

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura.

** Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura.

¹ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo**. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015. 318p. Para conhecer o catálogo da Editora Perspectiva, consultar: <http://www.editoraperspectiva.com.br/>

autor possui um conhecimento amplo de cinema, uma vez que o seu doutorado foi nesta área, concluído pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Destarte, o livro investiga as representações eróticas da sétima arte desde os primórdios do cinema até as obras mais contemporâneas, com uma arduosa análise sobre um tema tão pouco discutido dentro do universo acadêmico. É necessário se ater nos sentidos morais e artísticos para compreender essa forma de se fazer cinema. Assim, sem fazer um discurso moralizador acerca dos filmes elencados na sua obra, o pesquisador tem a preocupação de situá-las ideologicamente e historicamente tais representações.

Primeiramente, Gerace utiliza de alguns teóricos, como os filósofos Judith Butler e Michel Foucault para pensar sobre a ideia de “sexo” e de “explícito”, em que ambos afirmam que o sexo é um ideal regulatório, através do seu poder produtivo e que ocorre através de discursos e permissões. Na consolidação da burguesia, em meados do século XVIII, é visível a regulamentação da sexualidade, através de dispositivos jurídicos e médicos. Dessa maneira, foram produzidos discursos sobre o sexo. Posteriormente, no mundo contemporâneo, o cinema se transforma em um instrumento que também discute sobre as práticas sexuais. Segundo o autor:

[...] o discurso sexual no cinema, ao mesmo tempo que organiza seus “lugares de máxima saturação”, como nos filmes pornográficos, também dilui os limites de representação do sexo, como no cinema explícito contemporâneo, que “não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo através de linhas de penetrações infinitas.”²

Desta forma, o cinema não apenas amplia e modifica o discurso oficial acerca do sexo, como pode reprimi-la através da censura, como ocorreu nos Estados Unidos durante três décadas com o Código Hays (1934-1966), no qual o autor vai abordar essa questão no terceiro capítulo.

Sob este prisma, Michel Foucault traz importantes considerações acerca do controle social que o sexo enfrenta, no qual ele vai chamar de hipótese repressiva³, cujos discursos são produzidos pelas instituições e há uma espécie de policiamento das informações, em que algumas informações são sigilosas. Dessa forma, a medida que

² GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo**. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 12.

³ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Tradução de Maria Thereza da Costa Alburquerque. 4ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

mascara certas questões sobre a sexualidade, tal política discursiva acaba colocando o sexo em evidência.

O autor do texto não tem como objetivo analisar qual filme é mais pornográfico ou erótico, mas como suas abordagens contribuíram para a formação desse discurso, sem esquecer do diálogo que a obra teve com a sua época, muitas vezes reforçando ou quebrando tabus. Para o espectador, essas representações do sexo contribuem para o seu saber, pois o livro consegue apresentar uma nova forma de pensar e de lidar com os desejos. Gerace então delimita as diferenças entre o cinema erótico e o pornográfico:

Man Ray, Luís Buñuel, Salvador Dalí, Jean Genet, Kenneth Anger, Andy Warhol, Pasolini, Bruce LaBruce – entre tantos outros cineastas flertaram com uma visão estilizada do sexo, por meio do pornográfico, para além do discurso unilateral produzido pela pornografia tradicional. A indústria pornográfica traz uma visão limitada do sexo geralmente focada apenas no ato sexual repetitivo, no show genital, filmado para o consumo e excitação sexual. Nela, o sexo se reduz ao ato e o corpo se reduz ao sexo, não há diluição do desejo para além desta limitação.⁴

Cabe ressaltar a variedade de estilos pornográficos que existem neste mercado contemporâneo, com produções que fogem do estereótipo descrito pelo autor, que será abordado por ele no sétimo e último capítulo.

Desta forma, Gerace divide o seu livro em sete capítulos, sendo o primeiro deles intitulado de **Para além do Obsceno** que trabalha com o conceito histórico da obscenidade e como elas são abordadas no cinema. Ele desconstrói a noção comum de obsceno, onde muitos consideram apenas aquilo que é explícito. Tal conceito é cultural e deve ser contextualizado, uma vez que o beijo na boca pode ser muito mais obsceno no final do século XIX, do que uma cena de sexo melancólica no cinema atual.⁵

Ainda neste tópico que o autor investiga os limites entre a pornografia e o erotismo, seus possíveis parâmetros e o papel do sexo explícito nessas duas esferas, por mais que elas têm características semelhantes, como a representação do sexo e do prazer. E nos chama atenção para a seguinte questão: é possível encenar o sexo explícito? A conclusão do autor é que por mais que o ato ocorra, a imagem produzida

⁴ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo**. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 15.

⁵ Ibid., p. 33.

será sempre uma representação, pois precisa da ficção e da fantasia para existir. Ela é interpretada e encenada, mesmo que abuse do realismo.

Por fim, Gerace não relega a pornografia como um estilo menos importante se comparado com o cinema erótico, ele é mais uma forma de representação visualmente possível sobre o sexo, mas ainda assim é considerado sujo e perigoso para a sociedade. O autor nos chama atenção para esse preconceito:

O senso comum considera a pornografia suja, negativa, explícita; enquanto o erotismo é visto sem preconceito, é sublime, reflexivo, simulado, “limpo”, organizado – pois já foi aceito pelo *mainstream*. A pornografia não é apenas o sexo dos outros, mas também o sexo das massas, perigoso.⁶

Entrando no campo da pornografia, Gerace investiga no segundo capítulo, intitulado de **Arquivo do sexo silencioso**, as primeiras manifestações desse tipo de cinema, com imagens que continham insinuações eróticas e registros do sexo e do corpo. Através de uma pesquisa vasta em arquivos, o autor verifica uma série de obras que mostram o interesse e a curiosidade pelo corpo humano. Nesta fase, o corpo é a grande atração e as atividades cotidianas – como dançar, correr, beijar e despir- são registradas e exposta ao público. A vida privada se transforma em espetáculo público, elevando o espectador ao status de *voyeur*.

Num segundo momento, o autor analisa o surgimento dos *stag films*, no início do século XX. Eram exibidos em despedida de solteiro ou em festas libertinas masculinas. Na maior parte, os filmes eram produzidos clandestinamente, cujas informações sobre título e autoria não eram informadas, trazendo dificuldades em relatar as origens dessas produções. Grande parte dessa produção era feita em Buenos Aires e na Europa para ser comercializado nos Estados Unidos.

Vale ressaltar que o *stag films* foi o embrião da indústria cinematográfica, feita em poucas cópias e sendo comercializada em casas de prostituição de luxo. O conteúdo, mostra apenas fragmentos dos atos, sem qualquer tipo de enredo entre os personagens, talvez pelo curto tempo de duração.

A narrativa e a estética como conhecemos atualmente só ganha formas nas décadas de 1920 e 1930, segundo Gerace. Isso foi possível graças ao advento da

⁶ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito**: representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 46-47.

tecnologia e do desenvolvimento da linguagem cinematográfica, em que aos poucos, os filmes cinematográficos caíram no gosto do público e se transformaram em uma indústria altamente lucrativa.

Assim, o autor sublinha a importância do *stag film*, que “agarrou-se não apenas ao status de obscenidade, mas passou a fazer parte de uma cultura visual de mercantilização das imagens sexuais, motivadas pelo estímulo, pelo consumo e pela repressão.”⁷

É sobre a repressão que Rodrigo Gerace aborda no terceiro capítulo. **Erotização e Censura** fala sobre o Código Hays, em Hollywood na década de 1930. Pautado por setores conservadores e religiosos que queriam reestabelecer a decência no cinema. Por três décadas – até 1966 – as cenas de sexo ou possíveis insinuações demasiadas de afeto foram banidas, cujos filmes precisariam de um selo de aprovação para serem exibidos.

Nesta época, o governo norte americano produziam propagandas antipornográficas que eram chamadas de *sex hygiene films*, a fim de propor uma espécie de higienização do sexo, a fim de combater as doenças sexuais e divulgar os malefícios da pornografia aos indivíduos.

Vale ressaltar que isso não interferiu nas produções underground tampouco no cinema pornográfico, já que ambos circulavam em ambientes restritos e privados, com poucas cópias disponíveis.

No quarto capítulo, **Êxtase no cinema experimental**, o autor analisa as representações no âmbito alternativo da sétima arte, cujo corpo era performático e mostrava o desejo sexual dos personagens. Dessa forma, esse estilo de cinema não focava apenas no corpo ou no ato em si:

Desde os anos 1930, cineastas [...] projetaram imagens sob a perspectiva de realização do desejo e do êxtase de forma plural. O discurso sexual privilegiava o prazer em si mesmo e o corpo em performance, não focava a prática sexual disciplinada, nos termos foucaultianos. Afeto, desejo explícito e corpo delirante de orgasmo eram valorizados em uma transgressão estética das imagens institucionalizadas do prazer.⁸

⁷ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito**: representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 71.

⁸ Ibid., p. 112.

Partindo desse pressuposto, o autor trabalha o conceito de *camp* neste cinema underground, cuja estética é tida como descompromissada e tem o seu conteúdo político esvaziado. Assim, cineastas como Paul Morrison e Andy Warhol têm as suas obras analisadas pelo o autor, cujo último cineasta erotizava o submundo dos homossexuais de Nova Iorque. A homossexualidade raramente era retratada no cinema, e geralmente eram ligadas a uma ideia de decadência humana. A partir da década de 1980, as relações homoeróticas do cinema são ambientadas com mais vigor.

O império do erotismo aborda uma variedade de filmes de ficção que têm o erotismo como eixo central da sua narrativa, dando destaque para o filme japonês *O império dos sentidos* (1976), de Nagisa Ôshima, e o clássico *Calígula* (1981), de Tinto Brass. Nota-se que a sociedade no início da década de 1960 até 1980 buscava uma maior liberdade sexual, cujos filmes continham cenas de sexo explícito, mas sem perder a sua narrativa ficcional, no qual Rodrigo Gerace vai chamar de modo híbrido. Pode ser considerado como exemplo o filme *Garganta Profunda* (1972), de Gerard Damiano:



Garganta Profunda hibridizou radicalmente a estrutura consolidada da narrativa pornográfica tradicional, levando ficção, drama, música e comédia para o centro da trama *nonsense* (uma mulher cujo clitóris é localizado na garganta), tornando-se ao mesmo tempo um filme hardcore, pornográfico e trash, satírico e cult pela novidade “inusitada” do momento.⁹

Na década de 1970, também são feitos filmes com um erotismo bizarro, que apresentam relações sexuais diferenciadas da representação do sexo heteronormativo, visto em pornografias, e que causam espanto ao público, em especial *Pink Flamingos* (1972), de John Waters e *Salò* (1975), de Pier Paolo Pasolini.

Neste capítulo, Gerace vai tratar das pornochanchadas brasileiras, da década de 1970 e 1980, cuja representação do sexo e das sexualidades se tornam evidentes. A partir da liberação de costumes no Brasil, na época da ditadura militar foram feitas inúmeras produções em tom de deboche e de situações estereotipadas dos comportamentos sexuais. Gerace defende que tais filmes refletiam uma sociedade machista e a objetificação das mulheres:

[...] as pornochanchadas limitavam o desejo à representatividade dominante, heteronormativa, sem subverter de fato os valores conservadores do país submerso na ditadura militar. Elas apenas reafirmaram muitos preconceitos sobre homossexuais, mulheres,

⁹ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito**: representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p.21

homens e sobre o próprio país, este nunca destinado à seriedade. O sexo à brasileira nas pornochanchadas fora motivo de piada, alienado de pulsão erótica reprimida pelo conservadorismo nacional.¹⁰

Por mais que Gerace faça uma crítica sobre a pornochanchada, ele deixou de lado algumas obras de importância que foram realizadas neste período e que fugiam dessa imagem conservadora e machista do sexo. Um bom exemplo disso, são os filmes realizados pela cineasta Ana Carolina, como *Sonho de Valsa* (1987), cuja personagem Teresa tenta buscar a própria identidade, através de homens que passaram por sua vida. Através do desejo, delírio e realidade, Teresa se sente cada vez mais abandonada.

Outro filme que também merecia destaque na obra é *A menina e o estuprador* (1982), de Conrado Sanches. A trama aborda a vida de uma jovem de classe média alta chamada Vanessa, reprimida sexualmente, que tem alucinações: imagina-se sendo estuprada pelo motorista da família. Ao procurar ajuda psicológica, Vanessa passa por constantes abusos do profissional, que se aproveita da situação da garota.

Existem outros filmes nacionais do período que trabalham a sexualidade sem fazer parte do movimento da pornochanchada. É importante lidar com este gênero, sobretudo quando o tema é cinema erótico. Mas não podemos ignorar produções que também trilham esse mesmo discurso, sem cair nestes rótulos.

Nos dois últimos capítulos, intitulados de **Cinema explícito contemporâneo e Pornografias contemporâneas**, o autor vai trabalhar com produções realizadas em diversos países nos últimos anos.

No Cinema explícito contemporâneo Gerace discute o impacto que o advento da AIDS teve nessas obras, bem como o governo neoliberal e conservador que surgia nos Estados Unidos, com Ronald Reagan e George Bush. O movimento gay, diante do preconceito e da culpabilidade pela propagação do vírus da AIDS, sofreu duras críticas. Inclusive no cinema, a comunidade buscou resistência através do *New Queer Cinema*, organizado por B. Ruby Rich. Era a tentativa de desconstruir a imagem negativa do homossexual do cinema, exaltando a sua celebração e que se recusavam a assumir estereótipos, até então difundidos.

Por fim, Gerace faz um balanço sobre o universo das pornografias alternativas e variedade de narrativas deste mercado, como por exemplo o surgimento do pornô feminino, tendo como pioneira a cineasta sueca Erika Lust. Esses filmes fogem dos

¹⁰ GERACE, Rodrigo. **Cinema Explícito**: representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p.143.

clichês da indústria pornô norte-americana, já que possuem o objetivo de mostrar o prazer feminino e a sua sensualidade, sem dar *closes* nas partes íntimas, ou salientar a virilidade masculina.

Gerace também dedica um tópico para falar dos trabalhos do canadense Bruce LaBruce que criou o movimento *queen core*, que revisita estilos do cinema pornô das décadas de 1960 e 1970, com a intenção de focar no sexo homossexual, mas sem perder o engajamento ao tentar quebrar tabus, que segundo o cineasta, existem dentro da indústria pornográfica.

Vale ressaltar a transição do cinema/vídeo para conteúdos feitos pela internet, uma vez que existem muitos sites – gratuitos ou não – que exibem livremente esse tipo de conteúdo. Dessa forma, um público muito amplo tem acesso a esse tipo de material, uma discussão que não é o objetivo do livro.

Contudo, a gama de obras citadas pelo autor faz com que alguns filmes sejam brevemente citados, sem um estudo mais acurado. Seria interessante selecionar algumas obras – dentre as várias elencadas ao longo de **Cinema Explícito** – e trabalhá-las de maneira mais detalhada.

Entretanto, Rodrigo Gerace seu tem mérito ao apresentar aos seus leitores um assunto muito conhecido, mas pouco discutido, traçando um vasto panorama da indústria cinematográfica – seja da pornografia, ou do cinema erótico – desde os seus primórdios até a contemporaneidade. Fica evidente que a pornografia no cinema foi alvo de tensões, disputas, políticas e que deve ser vista de acordo com o seu contexto histórico e social.

Uma boa leitura a todos!

RECEBIDO EM: 22/06/2016

APROVADO EM: 13/10/2016